



ESPERTEZAS DE JOÃO GRILLO: ANÁLISE COMPARATIVA DE FOLHETOS E SUGESTÕES PARA A SALA DE AULA

JOÃO GRILLO'S CLEVERNESS: COMPARATIVE ANALYSIS OF BOOKLETS AND CLASSROOM TEACHING SUGGESTIONS

Livramento Fernanda de Lima Araújo
<https://orcid.org/0000-0001-5150-3810>
Universidade Federal de Campina Grande
livfernanda2@gmail.com

Claudenice da Silva Souza
<https://orcid.org/0000-0003-1590-7185>
Universidade Federal de Campina Grande
clau909silva@gmail.com

José Hélder Pinheiro Alves
<https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>
Universidade Federal de Campina Grande
helderpinalves@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, temos como objetivo principal refletir sobre algumas representações do personagem João Grilo na literatura de cordel. Os textos lidos e discutidos são *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, e *João Grilo e a caveira falante*, escrito por Zeca Pereira, que apresentam o personagem como alguém que se utiliza de sua inteligência e astúcia para se sobressair em situações enganando representantes do poder. Para embasar as nossas considerações acerca dos versos, trazemos uma discussão sobre a noção do pícaro e apresentamos, à luz de autores como Maravall (1986), Neto (2014), Topa (1995) e González (1988), uma leitura interpretativa dos cordéis analisando de que modo o personagem apresenta traços pertencentes a essa classificação. Pensando na vivência com a literatura de cordel em sala de aula, trazemos algumas sugestões para o trabalho com os cordéis visando à formação de leitores a partir da obra *O cordel no cotidiano escolar*, dos autores Marinho e Pinheiro (2012). Para tanto, apresentamos ainda algumas reflexões sobre a literatura comparada – entendida enquanto estudo minucioso que realiza uma análise profunda de seu objeto de leitura – conforme explanações de Carvalhal (2006) e Brunel, Pichois e Rousseau (1990), entre outros.

Palavras-chave: Literatura de cordel. João Grilo. Sala de aula.

Abstract: This work aims to reflect on some representations of the character João Grilo in *cordel* literature. The primary texts analyzed are *As Proezas de João Grilo* by João Ferreira de Lima and *João Grilo e a Caveira Falante* by Zeca Pereira, both of which depict the character as someone who uses his cleverness and cunning to outwit authorities and navigate challenging situations. To support our analysis of the verses, we explore the concept of the rogue, drawing on theoretical perspectives from authors such as Maravall (1986), Neto (2014), Topa (1995), and González (1988). An interpretative reading from cordels in which we interpret how João Grilo displays characteristics associated with this archetype. Considering the application of *cordel* literature in the classroom, we propose some teaching strategies aimed at developing readers, based on the book *O Cordel no Cotidiano Escolar* by Marinho and Pinheiro (2012). Furthermore, we present reflections on comparative literature - understood as a detailed study of a given text - drawing on the definitions and approaches of Carvalhal (2006), and Brunel, Pichois and Rousseau (1990), among others.

Keywords: *Cordel* literature. João Grilo. Classroom.



Introdução

João Grilo é um personagem altamente popular na cultura brasileira, principalmente na região Nordeste do Brasil, tendo em vista que é seu berço, em nosso país. Ao contrário do que muito se acredita, por causa do cinema nacional, sua origem não se deu a partir da peça teatral “O auto da compadecida”, do escritor Ariano Suassuna, que veio a se tornar filme posteriormente. Seu primeiro aparecimento aqui, dentro da literatura impressa, foi através do folheto de cordel *As palhaçadas de João Grilo*, publicado em 1932 por João Ferreira de Lima, posteriormente ampliado pelo cordelista João Martins de Athayde, após a morte do criador e a compra dos direitos autorais da obra e com título modificado para *Proezas de João Grilo*. Desde então, muito tem se falado sobre esse personagem, tanto na forma oral quanto nos folhetos que surgiram ao longo do tempo.

Ademais, ao pensarmos acerca da oportunidade para crianças e jovens de terem a experiência com a literatura oral e, mais profundamente, com determinados personagens como o aqui citado, percebemos que esse contexto é, hoje em dia, exíguo. Logo, pensar espaços em que seja possível apresentá-lo, é necessário no sentido de possibilitar às novas gerações o contato com tantas narrativas que vêm sobrevivendo e mudando no transcurso do tempo. À vista disso, a escola deve se configurar como um espaço que ofereça essa experiência mediada pelos adultos.

Assim, este trabalho apresenta algumas aparições do personagem João Grilo e discute a noção de pícaro segundo alguns autores. Além do mais, traz algumas sugestões para o trabalho com o cordel em sala de aula, tendo como inspiração as reflexões sobre a literatura comparada no sentido de abordar o texto por meio de metodologias que possibilitem uma aproximação entre o leitor e o texto.

1. João Grilo: origem do pícaro amarelo

Por mais que o amarelo que conhecemos hoje seja uma figura demasiada representativa da região nordeste, tendo em vista suas narrativas repletas de aspectos inerentes à nossa cultura como, por exemplo, a linguagem, os cenários e personagens representativos, sua “terra natal” não é esta. Segundo discute Francisco Topa (1995), a partir do estudo realizado por Alfredo Apell em sua obra *Contos Populares Russos*, versões de contos nas quais personagens com aspectos semelhantes e histórias com títulos análogos aos do João Grilo que conhecemos hoje estão presentes no mundo a fora. O autor menciona que há três versões russas desse conto: *A mulher que adivinha*, *As pérolas roubadas* e *O adivinhão*. Essas versões, embora tenham diferenças previsíveis devido ao contexto cultural, mantêm as características principais do que conhecemos nos folhetos. Além disso, ainda conforme o autor, o tema do conto também aparece em outras culturas e idiomas, incluindo sânscrito na lenda de *Hariçarman*, mongol, anamita, da Conchinchina, camaónios hindus, calmuco, lituano, alemão, italiano, francês, norueguês e latim. Isso mostra a ampla disseminação do conto e suas variações.

Depois de fornecer essa informação detalhada, Topa (1995) se dedica a discutir a origem do conto, destacando a dificuldade em determinar seu ponto exato de origem, dada sua presença em tantas culturas diferentes. Entretanto, levaremos em consideração a expressão marcante que o personagem e suas narrativas têm na literatura portuguesa. A título de exemplo, diversas obras nas quais João Grilo aparece foram escritas por



vários autores lusitanos, conforme cita o pesquisador Topa (1995), tais como: *João Ratão (ou Grilo)*, recolhido por Teófilo Braga, *Histórias de João Grilo*, de Francisco Xavier de Ataíde Oliveira e *Histórias de João Grilo*, de Consigliere Pedrosa, entre outros. Procuraremos compreender como iniciou-se a criação de personagens com características que se assemelham ao Grilo que conhecemos atualmente em nossa literatura de cordel, a partir de circunstâncias vividas na Europa.

Como sabemos, as artes surgem, modificam-se e ganham novos ares através de grandes mudanças históricas, refletindo e sendo influenciadas pelas transformações culturais, sociais e políticas de seu tempo. Essas mudanças, muitas vezes, impulsionam artistas a explorarem novas técnicas, temas e estilos, buscando expressar e interpretar os valores, as crises e as aspirações da sociedade em que vivem. Ao longo da história, as artes têm desempenhado um papel fundamental não apenas na representação estética, mas também na crítica, na provocação de reflexões e no fortalecimento da identidade cultural de comunidades e nações.

Para que possamos apreender e relacionar o que foi dito acima com a “criação” do personagem João Grilo, devemos levar em consideração, primeiro, o contexto histórico europeu, mais especificamente da Espanha. Este país viveu uma significativa expansão territorial entre os séculos XVI e XVII, através da conquista e colonização das Américas, o que o posicionou como principal potência europeia da época, conforme podemos ver no estudo realizado por Mário González (1988). Contudo, internamente, o país enfrentava desafios complexos, como a crise na Igreja Católica, o aumento da corrupção, a decadência da monarquia e da aristocracia, além da crescente disparidade entre a nobreza e as camadas menos favorecidas, que encontravam obstáculos consideráveis para ascender socialmente. Esses conflitos internos não apenas moldaram profundamente a sociedade espanhola da época, mas também influenciaram a produção artística, que frequentemente refletia e comentava sobre essas questões em suas obras, de acordo com o autor supracitado.

Na literatura, antes das mudanças acima citadas, por exemplo, emergiu uma nova maneira de narrar que começou a apresentar histórias de personagens excluídos que lutavam pela sua sobrevivência, mais tarde chamada de romance picaresco. De acordo com Cruz Neto (2023, p. 229-230),

Nessa época, havia quatro correntes narrativas na Espanha: o romance de cavalaria, o romance pastoral, o romance mourisco e o romance bizantino, sendo que cada uma apresentava uma idealização de um aspecto da vida. O novo tipo de literatura passou a ser protagonizado por jovens pobres e tortuosos que ganhavam a vida aproveitando-se dos outros e de sua engenhosidade, tornando-se um modelo arquetípico importante na literatura mundial.

Cada uma dessas correntes não apenas refletia, mas também influenciava profundamente as percepções e valores dos leitores daquele período. No entanto, é o surgimento de um novo tipo de literatura, protagonizado por jovens pobres e astutos, que se destaca como um marco significativo na literária mundial. Estes anti-heróis, que ganhavam a vida através de artimanhas e engenhosidade, desafiavam as concepções tradicionais de protagonismo, introduzindo uma crítica social disfarçada de entretenimento. Ao considerar essa dinâmica literária, é inevitável refletir sobre como as narrativas não são meros espelhos das sociedades em que surgem, mas também agentes ativos na sua moldagem.

Esse desenvolvimento ilustra como as histórias e personagens não apenas continuam uma tradição, mas também se adaptam e se transformam em novos contextos



culturais. Por exemplo, a figura de João Grilo tão representada no conto popular português, encontrou solo fértil no Brasil, onde floresceu com características próprias. Essa transição não foi simplesmente uma transferência de uma tradição para outra, mas sim um processo de assimilação e transformação. Isto é, não temos apenas uma continuação da ancestralidade portuguesa através de suas ações e características; contamos com uma nova interpretação que absorve influências locais que se mesclam com outros costumes e se reinventam para refletir as realidades e os dilemas da sociedade brasileira. Como disse Topa (1995, p. 274), “Esse desenvolvimento ilustra como as histórias e personagens não apenas continuam uma tradição, mas também se adaptam e se transformam em novos contextos culturais”. No cordel *João Grilo e a caveira falante*¹, escrito por Zeca Pereira, vemos como os versos ganham peculiaridades na adjetivação do personagem através das palavras *cabra* e *linguaro*, por exemplo, dentre tantas outras que são tipicamente nordestinas:

João Grilo em suas andanças
No Nordeste brasileiro
Certa vez se deparou
Com um cabra fofoqueiro
Falava de Deus e o mundo,
Linguarudo verdadeiro.
(...)
José foi ao delegado
Falando: - Senhor Roberto,
Hoje chegou na cidade
João Grilo, um sujeito esperto.
É pertinente, senhor,
Ficar com o olho aberto.
Por onde João Grilo passa,
Muita gente sai lesada
E quando procura provas,
Pista alguma é encontrada.
É como pisar no chão
Sem deixar sua pegada.
(...)
Como em cidade pequena
Boato corre ligeiro,

¹ Além dos cordéis aqui mencionados, existem inúmeros outros que trazem peripécias do personagem. Seguem vários títulos encontrados em nossas pesquisas: *As proezas de João Grilo*, de João Martins de Athayde (1948); *Novas proezas de João Grilo*, de Paulo Nunes Baptista (1958); *O encontro de João Grilo com a donzela Teodora*, de José Costa Leite (2002); *O encontro de Pedro Malazarte com João Grilo e Camões* 2002, de José Costa Leite (2002); *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima (2003); *As proezas de João Grilo Neto*, de Antonio Lucena (2003); *A professora indecente e as respostas de João Grilo*, de Arievaldo Viana (2005); *Traquinagens de João Grilo em cordel*, de Marco Haurélio (2009); *O professor sabe-tudo e as respostas de João Grilo*, de Klévisson Viana e Doizinho (2009); *As proezas de João Grilo e o capitão do navio*, de Anchieta Dantas: Zé do Jati (2010); *João Grilo - um presepeiro no Palácio*, de Pedro Monteiro (2010); *A história de João Grilo e dos três irmãos gigantes*, de César Obeid (2010); *A roupa nova do rei ou o encontro de João Grilo com Pedro Malazarte*, de Marco Haurélio (2012); *A morte, o enterro e o testamento de João Grilo*, de Eneias Tavares dos Santos (2015); *Presepadas de Chicó e Astúcias de João Grilo*, de Marco Haurélio (2016); *As novas presepadas de João Grilo e Chicó*, de Zeca Pereira (2017); *Nascimento de João Grilo, infância e adolescência*, de Rouxinol do Rinaré (2020); *As tristezas de João Grilo*, de Moreira de Acopiara (2022); *Artimanhas de João Grilo*, de Arievaldo Viana Lima (s.d.); *Capitão Virgulino na matrix ou João Grilo trouxe o céu*, de Astier Basílio (s.d.); *Foi João Grilo quem matou o bando de Lampião*, de Rafael Neto (s.d.); *O desafio de São Nunca com João Grilo*, de José Costa Leite (s.d.); *O protesto de João Grilo contra a ONU*, de Arievaldo Viana e Pedro Paulo Paulino (s.d.); *Como Canção de Fogo e João Grilo lograram um padre e um delegado*, de Ione Severo (s.d.).



João foi depressa informado
Do que disse o fofoqueiro.
Então para se vingar
Preparou algo certo. (Pereira, 2022, p. 1-3)

Esses versos elucidam como o Grilo fundiu as influências nordestinas com sua origem europeia, pois percebemos desde já que o personagem incorporou as influências culturais e a criação de uma nova narrativa que ressoa com o público brasileiro. Há a retratação nos versos do cordel de uma pseudo-biografia de um anti-herói marginal à sociedade. Esse anti-herói tem suas aventuras narradas e é através delas que vemos um processo intercalado e subjetivo de provocação à sociedade da época. Mais especificamente, é por meio de suas trapaças que ocorre o processo de ascensão social, seja em relação a questões financeiras ou morais, conforme é possível deduzir a partir dos versos apresentados. Abaixo, podemos perceber nos versos de João Ferreira de Lima, no clássico *As proezas de João Grilo*, o que acabamos de dizer:

Chegou e disse: mamãe
Morreu nossa precisão
O ladrão que rouba outro
Tem cem anos de perdão!
Contou o que tinha feito,
Disse a velha: - Está direito,
Vamos fazer refeição! (Lima, 2006, p. 16)

Esse anti-heroísmo, com traços de egoísmo, impulsividade e comportamentos que beiram o moralmente duvidoso, apresentado nos trejeitos do Grilo ou narrado através de terceiros nos versos dos cordéis é uma característica central dos personagens picarescos, posto que não se encaixam nas normas e expectativas sociais. Ele utiliza sua astúcia para sobreviver e escapar das situações nas quais se mete. Além disso, sendo João Grilo um mestre da trapaça e da “manha”, em suas histórias ele utiliza de inteligência e esperteza para enganar figuras de autoridade, como coronéis, padres e outros representantes do poder, ou seja, aqueles que estão “acima”, de acordo com os ditames da sociedade:

O padre bebeu e disse:
- Oh! Que garapa boa!
João Grilo disse: Quer mais?
O padre disse: - E a patroa,
Não brigará com você?
João disse: - Tem uma canoa!

João trouxe outra coité
Naquele mesmo momento
Disse ao padre: Beba mais,
Não precisa acanhamento
Na garapa tinha um rato
Estava podre e fedorento! (Lima, 2006, p. 16)

O personagem tão conhecido por nós vem sendo denominado, ao longo do tempo, como pícaro. No que diz respeito a essa classificação, João Evangelista Neto (2014) descreve o pícaro como um personagem que, devido às adversidades e rejeições da sociedade, desenvolve uma atitude cínica e desprovida de escrúpulos, desafiando instituições e figuras de autoridade, como a Igreja e a Justiça. O pícaro utiliza a ironia



como uma ferramenta para criticar e expor as falhas e hipocrisias dessas instituições, frequentemente representando a Igreja como gananciosa e vaidosa. Como é possível observar, os versos citados acima narram que João Grilo serve ao padre uma garapa na qual havia um rato podre. Essa atitude reflete sua falta de escrúpulos e a ironia com que trata a autoridade religiosa. Ele não apenas provoca o padre, uma figura da Igreja, mas também faz isso de maneira sarcástica e insolente, ao sugerir que o padre continue a beber, mesmo sabendo que a bebida está contaminada. Essa cena revela a crítica subjacente à hipocrisia e ao comportamento questionável das figuras de autoridade. João Grilo expõe, de forma cômica, a vaidade e a avareza do padre, que, preocupado com os prazeres imediatos, como beber uma *garapa boa*, é facilmente enganado e se torna alvo do escárnio do protagonista.

É mister dizer que João Grilo, nosso pícaro nordestino, não é “apenas” um personagem que busca enganar aqueles que passam pelo seu caminho. Temos algo mais intrincado em torno de sua construção:

O pícaro é pobre, mas às vezes deixa de ser; o pícaro é um vagabundo, mas não é apenas um vagabundo, e o é de uma maneira diferente do que antes; o pícaro não tem parentesco, mas não apenas perdeu seus laços; o pícaro é ladrão, mas não para por aí; o pícaro é um candidato a prosperar, mas a frustração o derruba e então revela outros aspectos de seu desvio; o pícaro tem pouco acesso ao impulso erótico, mas também o utiliza para outros fins. O pícaro é movido por uma tendência a pragmatizar o comportamento com as pessoas e coisas, afastando-as de suas posições e devida consideração no grupo de membros integrados e, incorrendo em anomia insuperável, confunde-as em planos de uso que não lhes correspondem. É inevitavelmente uma prova de grande desordem social (Maravall, 1986, *apud* Cruz Neto, 2023, p. 229).

No estudo de Maravall (1986), o pícaro é descrito como uma figura complexa, cuja existência é marcada por uma série de contradições, conforme podemos ler acima. Embora seja pobre, ele pode deixar de ser em algumas situações. É um vagabundo, mas de uma maneira diferente dos demais. Ele não tem laços familiares, mas sua perda vai além disso. O pícaro é ladrão, mas sua criminalidade não se resume ao roubo. Apesar de tentar prosperar, sua ambição é frequentemente frustrada, revelando outros aspectos desviantes de sua personalidade. Seu acesso ao erotismo é limitado, mas ele utiliza o desejo de forma pragmática para alcançar outros objetivos. Movido por uma tendência a pragmatizar seu comportamento com pessoas e coisas, o pícaro causa desordem social ao afastar as pessoas de suas posições e confundir os papéis estabelecidos na sociedade. Em suma, o pícaro é uma figura que vive fora do tecido social, tentando se adaptar e sobreviver em um mundo que o rejeita, ao mesmo tempo que expõe as falhas do sistema social.

Além disso, João Grilo não tem uma rede de parentesco sólida que o apoie, o que o torna ainda mais parecido com o anti-herói lusitano, que também perdeu seus laços familiares. Sua tendência a pragmatizar as relações sociais e a confundir os valores e papéis estabelecidos refletem a desordem social mencionada por Maravall (1986). O amarelo engana, trapaceia e manipula situações a seu favor, revelando aspectos do desvio e da frustração do pícaro. Ou seja, tanto o pícaro quanto João Grilo são figuras que exemplificam a desestrutura e a habilidade de sobreviver nas margens através da perspicácia e da adaptação. Ambos os personagens utilizam seus desvios e truques para navegar por um mundo que frequentemente os rejeita e subestima, tornando-se, portanto, provas vivas das complexidades sociais e humanas. De acordo com González (1988, p. 40), “a narração de suas aventuras é a síntese crítica do



processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é traçada uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro”. Isto é, o Grilo constantemente tenta melhorar sua posição social não através do trabalho honesto, mas sim por meio da burla. Suas histórias são um reflexo da luta do indivíduo comum contra um sistema opressivo e injusto, tentando ascender socialmente por qualquer meio disponível. As histórias de João Grilo são repletas de humor e sátira, criticando as falhas e hipocrisias da sociedade, posto que ele expõe as injustiças e absurdos do poder, muitas vezes virando o jogo a seu favor com inteligência e criatividade.

Desse modo, ainda conforme González (1988), assim como esse típico pícaro mencionado, João Grilo aspira alcançar um status semelhante ao dos "homens de bem" através de suas artimanhas, fingindo ser o que não é para obter vantagens. Sua capacidade de se adaptar e manipular as situações a seu favor reflete a natureza do pícaro como um "fingidor constante". A importância da aparência sobre a realidade também é evidente em suas histórias, onde a roupa e o disfarce muitas vezes desempenham papéis cruciais em suas aventuras. Todavia, por mais que o personagem alcance essa chance de trabalho e fuja um pouco das características picarescas em alguma narrativa, isso se dá sobretudo por meio de suas malandragens ou até mesmo através da fama que carrega por causa de todas as histórias criadas com seu nome.

2. Um pouco sobre a literatura comparada

Quando pensamos em crítica literária, estamos obrigados a refletir acerca das diversas práticas que permeiam o trabalho de análise e compreensão da literatura ao longo do tempo. Por conseguinte, a finalidade precípua deste engendro seria uma aproximação do texto de modo a encará-lo e adentrá-lo com vistas à formulação de ideias que surgem sobre e por causa deste. A literatura é necessidade humana e a compreensão acerca de seus mais sutis e reveladores meandros parece ser complemento da existência dessa arte. Assim sendo, dentre as várias formas pela busca para entendê-la há a literatura comparada, que está longe de ser simples ou metódica.

Ao falar sobre a literatura comparada, Carvalhal (2006, p. 14) destaca: “usada no singular mas geralmente compreendida no plural, ela designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas”. Vejamos que a autora utiliza o substantivo “investigação”, o que nos leva a entender a literatura comparada enquanto um estudo mais minucioso que atenta para os detalhes, ou seja, perscruta e averigua as obras sobre as quais faz uma análise detida e aprofundada. No que diz respeito ao verbo “confrontar” empregado, demonstra que é um método que contrapõe e defronta aquilo que é escolhido como objeto de estudo, ao passo que realiza uma espécie de enfrentamento de duas ou mais literaturas.

Ainda assim, a autora esclarece que a literatura comparada não deve ser vista como sinônimo da simples comparação, pois ela “[...] *compara* não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe” (Carvalhal, 2006, p. 17, grifo da autora). Destarte, podemos entender os estudos comparados como um modo ou um recurso a partir do qual é possível analisar e interpretar.

Ao serem indagados sobre quais literaturas são comparadas, Brunel, Pichois e Rousseau (1990) explicam que o termo é naturalmente entendido no plural. Ainda assim, os autores apontam que o termo, sendo compreendido tanto no singular quanto no plural, diz respeito a uma particularidade do ser humano, que é o ato de comparar, que é



aplicado aos estudos literários. Mais adiante, ao comentarem acerca da ideia comparatista atrair muitos especialistas, eles defendem que há “[...] uma razão muito simples para essa real popularidade: a literatura comparada não é uma técnica aplicada a um domínio restrito e preciso” (p. 16). Por ser extensa e múltipla, ela acaba por revelar o interesse e o apreço pela síntese e uma espécie de receptividade para as obras literárias, quaisquer que sejam seu tempo e seu lugar.

No que diz respeito ao trabalho com a literatura em sala de aula, lançar mão desse procedimento pode favorecer um aprofundamento dos significados intrínsecos ao texto. No entanto, não tem a ver com uma aplicação da teoria ao ensino, pois não se trata de uma ideia cimentada que deve ser usada para ensinar literatura. Conforme explicita Alves (2014a), é sobre a inspiração em ideias que têm o leitor como fulcro para que seja possível uma abordagem com metodologias que possam oportunizar uma real proximidade entre o leitor e o texto. Assim, o autor cita a abordagem comparativa como possibilidade de trabalho que propicie essa aproximação. Além disso, “busca-se, nesta perspectiva, proporcionar o diálogo entre textos a partir de aspectos formais, temáticos, ideológicos, entre outros” (Alves, 2014a, p. 222). Como percebemos, o autor enfatiza, sob essa ótica, que deve haver a percepção sobre a existência do diálogo entre os textos e não uma mera comparação, pois é relevante interpretá-los estabelecendo uma comunicação entre eles.

Com relação aos benefícios do trabalho com a literatura comparada em sala de aula, Alves (2014a, p. 222) elucida que “São inúmeras as vantagens desse tipo de abordagem – um dentre tantos outros – está o fato de se poder exercitar no leitor de literatura em formação a capacidade de observar mais detidamente os textos e descobrir certas especificidades, diferenças de forma, de gênero, de visão de mundo”. Nesse sentido, pode haver um olhar mais minucioso e pormenorizado para os textos, percebendo elementos que os particularizam, diferenciam ou aproximam.

Em outro trabalho, Alves (2014b) reflete acerca da literatura comparada junto à abordagem temática e evidencia as possibilidades decorrentes dessa confluência. Assim, o autor destaca que

O trabalho temático associado a uma abordagem comparativista favorece descobertas singulares e percepções do modo como cada época vivencia certos temas, dialoga com determinada ideologia, opta por determinada forma de expressão. Pensando no ensino da literatura, é possível eleger uma grande diversidade de temas para serem trabalhados e, a partir da leitura mais detida dos textos, levantar várias questões para serem discutidas no espaço escolar (Alves, 2014b, p. 41).

Outrossim, é importante levar em consideração uma metodologia que tenha como objetivo um trabalho aprofundado no que diz respeito aos temas com vistas à formação do leitor. Por isso, o autor comenta algumas estratégias de abordagem que podem levar a esse fim. O primeiro passo seria fazer perguntas sobre a temática em questão; no segundo, o autor sugere o trabalho com antologias, no qual deve haver a leitura e a releitura de textos; como terceiro passo, há a ideia de tentar levar os alunos a comparar os textos lidos e discutidos partindo da abordagem da temática como centro do debate.

Para além da abordagem temática, é preciso pensar no trabalho com a literatura comparada em sala de aula de forma a contemplar todos os gêneros literários. Como exemplo, trazemos a literatura popular, pois é necessário possibilitar que o espaço escolar proporcione o conhecimento dessa arte aos discentes.



3. O trabalho com o cordel em sala de aula: algumas sugestões com João Grilo

No que diz respeito ao cordel, os autores Marinho e Pinheiro (2012), em sua obra *O cordel no cotidiano escolar*, destacam que muitos destes textos têm elementos como o predomínio da fantasia, inventividade, musicalidade bastante expressiva, dentre outras características que os aproximam da literatura infantil brasileira. Além do mais, há ainda outro ponto favorável ao trabalho com o cordel, pois pode haver o desenvolvimento da capacidade de brincar com os ritmos da língua, além de possibilitar um contato com a fantasia.

Nesse sentido, percebemos que há muitos argumentos favoráveis com relação a trabalhar a literatura de cordel na escola. Todavia, o mais importante não deve ser esquecido: o contato de crianças e jovens com a cultura popular. Assim, os autores em questão destacam que levar essa literatura para a escola apenas a título de informação (como, por exemplo, para conhecimento de algum personagem, fato histórico ou análise linguística) ou ainda como um simples objeto de observação se torna inadequado. Como falam os autores, “ela não consegue oportunizar um encontro com a experiência cultural que está ali representada e, de certo modo, como que esvazia o objeto estético” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 126). Acreditamos que isso se justifica pelo fato de que se perde a chance de apreciá-la enquanto obra literária de valor cultural. Logo, ao trazerem estratégias para o trabalho com o cordel, eles salientam a importância de ouvir os relatos das vivências dos alunos sobre suas experiências, além de partir dos folhetos, pois a experiência com a poesia oral pertence a toda comunidade.

Para tanto, é imprescindível, segundo frisam Marinho e Pinheiro (2012), insistir na leitura durante as aulas, isso se partirmos do pressuposto de que o gosto pode ser educado. Ou seja, se o aluno afirma que não tem interesse ou vontade de ler cordel, pode ser que ele simplesmente não conheça ou não tenha tido uma experiência adequada com o gênero literário. Evidentemente, isso se estende aos outros textos literários. Dessa forma, é relevante essa insistência de modo a levar os leitores em formação a perceberem novas descobertas nos versos e outras possibilidades de ritmos. Como reforçam os autores, “diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 129). Sublinhemos o que apontam acerca da experiência por meio da leitura, isso para dizer que essa persistência pode fazer com que os alunos atribuam sentido ao texto e possam ter uma experiência particular e profícua com o que estão lendo, ultrapassando a mera observação de informações que os cordéis podem porventura oferecer.

Ao destacarem a importância de instigar discussões acerca dos textos literários em sala de aula, eles – supramencionados – enfatizam que o debate deve ser privilegiado em alguma parte da aula para que os discentes possam ter a oportunidade de expressar seu entendimento sobre os cordéis e também suas dúvidas. Assim, eles também poderão ouvir as contribuições dos colegas, algo que enriquece a vivência com o texto. Sabemos que a literatura de cordel oferece uma diversidade de temas para serem lidos e apreciados, o que pode provocar o debate durante os momentos de leitura e se configurar como uma ponte entre os textos e os alunos. Dessa forma, “tanto é possível discutir determinados assuntos a partir de um folheto quanto compará-los com outros” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 130). Como vemos, a comparação entre textos também pode ser uma estratégia para que a aula se torne um espaço democrático de diálogo.

Atrelado a esse espaço de debate, os autores trazem algumas reflexões sobre o jogo dramático, as xilogravuras, as canções e a criação de histórias como estratégias que



podem funcionar para que os cordéis sejam trabalhados de maneira mais significativa no cotidiano escolar. No entanto, eles defendem que “o mais importante de tudo isto é que a literatura de cordel seja percebida como uma produção cultural de grande valor e que precisa ser conhecida, preservada e cada vez mais integrada à experiência de vida de nossas novas gerações” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 133). Tendo em vista que a escola deve ser um lugar em que a cultura é apresentada, discutida e apreciada, as indicações permeiam reflexões que colaboram com a abrangência desse intuito.

A proposta para a sala de aula a partir dos cordéis apresentados neste trabalho deve levar em consideração a turma a qual se destina. No ensino fundamental, primordialmente nas séries iniciais, a dimensão lúdica precisa estar presente na medida em que os alunos vão descobrindo maneiras de ler e reler o texto. De início, apontamos que os cordéis devem ser lidos mais de uma vez, pois uma só leitura pode não revelar percepções que apenas serão vistas na medida em que vão se dando a oportunidade de voltar ao texto. Como os cordéis são, na maioria das vezes, textos mais longos que os outros poemas, sugerimos que, sempre que possível, mais de um aluno faça a leitura. Assim, será dada a oportunidade para que mais de um leia.

Na medida em que vamos nos acostumando a levar textos para as aulas, alguns vão querendo compartilhar essa ação. Às vezes, há alunos que querem muito participar, mas que por timidez não se oferecem. No cotidiano das aulas de português, é comum que a turma indique uns aos outros para ler. No entanto, lembramos que isso pode incorrer em constrangimento, a depender do (a) aluno (a). É sempre bom que eles mesmos percebam aos poucos que todos podem compartilhar esse momento. Para isso, é importante a postura do professor, de não forçar a leitura e muito menos de cair no pedantismo de que apenas uma leitura é boa ou que apenas determinado discente leu de maneira satisfatória. Essa atitude pode afastar os outros que, intimamente, até gostariam de se arriscar a fazer uma leitura também.

Com o cordel *João Grilo e a caveira falante*, de Zeca Pereira, pode-se improvisar um jogo dramático em que as falas de José – o fofoqueiro – e de Roberto – o delegado – sejam ditas por dois alunos. Para esse momento, é natural que a própria turma diga quem será o delegado e quem será o fofoqueiro. Eles mesmos treinarão e dirão como desejam realizar essa pequena encenação surgida do momento de brincadeira durante a aula. Um legítimo exemplo pode ser a ideia de que o delegado está sentado trabalhando (pode-se usar a mesa do professor) e o fofoqueiro entra na sala com a novidade para contar. Seguindo com o jogo, o próximo momento pode ser a divertida conversa entre a caveira da vaca com José fofoqueiro, em que eles poderão inventar ou usar um objeto que sirva como caveira para fazer o diálogo mais divertido. “À dimensão lúdica e prazerosa do jogo articula-se à descoberta das virtualidades individuais e grupais – capacidade de inventar, de descobrir, de experimentar qualquer aventura sem os riscos da realidade. [...] Trata-se de uma improvisação a partir de qualquer situação” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 131). Inúmeras possibilidades poderão surgir através da leitura mais leve e livre do cordel sem a necessidade de incorrer em atividades escritas, por exemplo, antes de experimentar a dimensão lúdica que o texto oferece. Ao assumirem o desafio do jogo dramático, treinarão entonações e ritmos para os versos. Enquanto uns fazem os personagens, os outros apreciam, riem, sugerem. Enquanto alguns assistem ao desenrolar do jogo, outros acompanham lendo as estrofes e podem quiçá se oferecer para “atuarem” também.

Outra sugestão que pode oferecer um momento interessante com a leitura de cordel em sala de aula pode ser a criação de histórias. Desse modo, a depender da turma e da recepção que tiverem com o texto, de repente, o professor poderia sugerir que eles criassem uma espécie de continuação para o texto em que João Grilo ainda usasse a



caveira, mas dessa vez com outro personagem. Nesse sentido, os alunos ficariam à vontade para criar outro personagem e também outro local em que João Grilo deveria chegar. Assim, eles seriam livres para aumentar as aventuras desse personagem com novas peripécias. Essa atividade pode ser feita em dupla ou em grupos, desde que a turma se sinta à vontade com a atividade. “É bom estar atento ao fato de que as atividades de criação literária em sala de aula não devem ser impostas. Há alunos – e nem sempre são poucos – que não sentem propensão para criar, embora gostem de ler, e eles devem ser respeitados” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 134). Esse momento é importante no sentido de que o professor demonstre que essa pode ser uma atividade de criação na qual poderão exercitar a escrita de versos e ainda se divertir. Por isso, eles devem perceber que a atividade é relevante para o professor, ou seja, aquele que irá sugerir a continuação da história. Em razão disso, é importante ouvir as ideias dos grupos, se envolver com as sugestões, sugerir também, caminhar entre as carteiras enquanto eles escrevem para que percebam que estão fazendo algo singular e proveitoso.

Com relação ao cordel *As proezas de João Grilo*, poder-se-ia abordá-lo de uma maneira um pouco distinta do anterior, tendo em vista o tamanho do texto. Trata-se de uma quantidade grande de estrofes que narram inúmeras situações pelas quais passa o personagem principal. Então, partindo do pressuposto de que a turma já teria um pouco de conhecimento sobre as características de João Grilo em razão da leitura do outro cordel, seria interessante sugerir aos alunos uma forma de leitura um pouco diferente. O texto traz inúmeras peripécias pelas quais passa João Grilo. Então, o professor poderia propor à turma uma divisão de grupos para que cada um lesse as estrofes relativas a uma situação, tais como o vaqueiro com o cavalo, o padre que passa pedindo água, o português que vendia ovos, as perguntas ao professor, os ladrões no rio, Bartolomeu do Egito e o mendigo e o sultão. Após algumas leituras, o professor sugeriria que os grupos treinassem uma leitura enfática, ajustando ritmos e entonação de acordo com o que é contado em cada estrofe para que pudessem fazer uma espécie de apresentação para toda a sala. Com esse intuito, a estratégia poderia funcionar como uma espécie de desafio em que cada grupo se prepararia para apresentar as estrofes. Para que isso acontecesse, os grupos precisariam se juntar e o professor destinaria um tempo apenas para que conhecessem os versos, treinassem a leitura e, claro, descobrissem formas de ler.

Ao propor essa atividade, o professor deve ter em mente que nem todos gostariam de apresentar. Para muitos alunos, é um verdadeiro pavor fazer uma leitura ou apresentar algo diante de toda uma turma. Por isso, outra abordagem interessante do cordel pode ser a ilustração de determinadas partes da narrativa por aqueles alunos que gostam e têm aptidão para o desenho. Essa ideia pode ser uma oportunidade para a descoberta de talentos e também para a possibilidade de expressão por meio da ilustração. “É sempre bom lembrar que as atividades de criação em sala de aula devem ter um caráter lúdico, favorecendo a livre expressão do aluno e jamais serem usadas de modo obrigatório ou para fins avaliativos” (Marinho; Pinheiro, 2012, p.141). Talvez aqueles alunos que parecem não se importar muito com o texto ou que se recusam a fazer parte de um momento de leitura em voz alta apenas não saibam como se expressar. Então, sugerir que manifestem seu entendimento sobre o texto ou a parte que mais consideram interessante ou ainda de que mais gostaram através de outro meio pode ser um caminho para alcançar mais alunos.

O jogo dramático e a criação de histórias bem como a apresentação do texto como um desafio em que cada grupo leria as estrofes correspondentes às aventuras vividas por João Grilo e a ilustração de alguma parte da narrativa podem ser



possibilidades de abordagem que têm como principal objetivo a apreciação artística que está livre de atividades posteriores obrigatórias com fins avaliativos para notas. O importante é que se mantenha uma postura de interesse para com os cordéis e que as atividades propostas tenham como intuito uma abordagem que leve em consideração a fruição e o descobrimento do texto.

Após a realização dessas atividades, pode-se preparar os próximos encontros para conversar com os alunos para lhes pedir que pesquisem juntamente a seus familiares e amigos se há entre eles quem conhece histórias com o personagem João Grilo. Caso encontrem, podem escrever e levar para a sala de aula e compartilhar com os colegas. É importante que o professor instigue os estudantes a pensarem sobre as leituras: qual poema foi mais interessante? De qual estrofe você consegue se lembrar? Há situações que você considera que o personagem tenha sido mais esperto? Há proezas das quais não tenha gostado? Essas perguntas podem provocar a reflexão além de convidar os alunos a voltarem aos textos, caso alguns deles desejem reler ou mostrar as situações das quais se recordam.

Considerações finais

João Grilo transcende as barreiras culturais e temporais, emergindo como uma figura arquetípica que ressoa profundamente com as questões universais de sobrevivência, esperteza e crítica social. Sua trajetória ilustra a adaptabilidade e resiliência do espírito humano, usando a astúcia como ferramenta para navegar e desafiar as estruturas de poder estabelecidas. Suas aventuras, tanto na literatura de cordel quanto em outras mídias, não apenas entrelaçam elementos das tradições lusitanas e nordestinas, mas também refletem uma crítica perspicaz e humorística às desigualdades e absurdos da sociedade. Assim, o personagem permanece sendo uma figura emblemática, perpetuando uma rica herança cultural enquanto continua a inspirar e divertir gerações.

No que diz respeito à metodologia aqui discutida, destacamos que o trabalho inspirado na literatura comparada em sala de aula pode ser um caminho que oferece possibilidades para o professor. É preciso refletir sobre essa trajetória, pois estamos lidando com uma geração que já não tem acesso à cultura popular da mesma forma que as outras gerações tiveram, com leitura de cordel nas feiras e praças públicas, além das próprias casas e calçadas. A escola pode e deve ser um espaço que proporcione esse contexto. Para além desse cenário, apenas levar a literatura para a escola e fazer atividades no caderno não funcionam quando o objetivo é formar leitores.

As propostas que sugerimos não garantem que a turma irá se empenhar totalmente nem que as leituras instigarão a busca por mais textos. Além do mais, essas sugestões devem ser adaptadas à realidade de cada turma; o que deu certo em uma, de repente, não funciona em outra. Porém, podem ser uma maneira menos engessada de apresentar os folhetos para os alunos. A partir dessas propostas, outras ideias talvez surjam lendo os autores, e pensando sobre novas formas de ler e sentir o texto. Assim, quem sabe as aulas se tornem um ambiente em que alunos e professores se sintam provocados a participar das leituras e compartilhar as experiências que os textos trazem.



Referências

ALVES, José Hélder Pinheiro. Ensino de literatura: uma proposta comparativa. In: SIBALDO, Marcelo Amorim. (org.). *O texto literário na educação infantil: teoria e prática*. Recife: Pipa Comunicação, 2014a. p. 221-235.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Vivências do tempo: uma possibilidade de abordagem da poesia. In: ALVES, José Hélder Pinheiro; NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva (orgs.). *Literatura e ensino: aspectos metodológicos e críticos*. Campina Grande: EDUFPG, 2014b. p. 41-60.

BRUNEL, P.; PICHOS, C.; A. M. ROUSSEAU. *Que é literatura comparada?*; tradução Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1990.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

GONZÁLEZ, Mario. *O romance picaresco*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1988. (Série princípios)

LIMA, João Ferreira. *Proezas de João Grilo*. Organização e apresentação de Marisa Lajolo. – 1 ed. São Paulo. Moderna, 2003. – (Coleção palavra da gente. v. 3. Tradição popular).

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na escola).

NETO, João Evangelista do Nascimento. *Perambulações de João Grilo: do pícaro lusitano ao malandro brasileiro, as peripécias do (anti-)herói popular*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUCRS em convênio com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) através do Programa de Doutorado Interinstitucional (Dinter). Porto Alegre, 2014.

NETO, João Elias da Cruz. Reflexos da literatura picaresca na literatura de cordel: análise de Presepadas de Pedro Malazarte e Proezas de João Grilo. *Jangada: Crítica | Literatura | Artes*, ano 10, nr. 20, p. 228-242, jul, 2022/abr, 2023.

PEREIRA, Zeca. *João Grilo e a caveira falante*. Barreiras – BA: Nordestina Editora: 2022.

TOPA, Francisco. A História de João Grilo: Do conto popular português ao cordel brasileiro. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XII, Porto, Faculdade de Letras, 1995, pp. 245-274.